A NOVA CONFIGURAÇÃO DO CRISTIANISMO

O presente número da *Perspectiva Teológica* é, novamente, atípico: continua a publicação das matérias ministradas na *Semana Teológica* celebrada no CES em 1-4 de agosto de 1995. No número anterior publicamos o conjunto das conferências principais. No presente, é a vez dos textos apresentados nos seminários simultâneos, mais especificamente, por Alberto Casalengo ("A cidade entre realidade e símbolo: duas perspectivas do Apocalipse"), Johan Konings ("Ler a Bíblia com o povo e como povo"), Rogério Valle ("Tecnoestruturas e exclusão social"), Ivo Lesbaupin ("Crise e novas expressões dos movimentos populares e sindical"), José Roque Junges ("Ética sexual e novos padrões culturais"), e Faustino Teixeira ("O cristianismo entre a identidade singular e o desafio plural").

Como nos artigos publicados no número anterior, também aqui transparece a problemática subjacente da crise cultural em que vivemos, e que no pluralismo cultural e religioso, encontra uma de suas manifestações. O leitor perceberá facilmente como certos problemas aparentemente de ordem sócio-econômica, que foram abordados nos seminários, não se deixam separar da questão cultural, e isso, não somente como epifenômenos atribuíveis à "superestrutura".

Nesta atmosfera, retomamos a rubrica "Livro em Destaque" com a síntese de "A revolução impossível (a esquerda e a luta armada no Brasil)" de Luis Mir. Certamente ajudará o leitor a fazer uma meditação sobre um período de empenho participado por muitos dentre nós pela transformação das estruturas de nossa sociedade nacional no contexto latino-americano. É certo que — graças a Deus! — não vivemos a hora das respostas definitivas. Por isso, não fará mal refletir, recordar, repensar.

Sem querer justificar aquilo que é mera necessidade editorial — o aspecto caleidoscópico apresentado por este número —, fato é que esse conjunto é revelador das mudanças que estão se operando em nosso contexto de "Igreja engajada". Os projetos unidimensionais se tornaram ilusórios, as revoluções programadas inexecutáveis, os próprios revolucionários de trinta anos atrás

tomam ares de estranho "real"-ismo... As pastorais têm de conviver com novas dominantes religiosas, aparentemente mais individualistas. A cristianização das culturas --desde a indígena até a urbana-cosmopolita -- suscita grandes interrogações. Repito: graças a Deus! Pois "só Deus é grande". Nós, os "servos sem importância" (Lc 17,10), não temos a última palavra, assim como não tivemos a primeira.

Caímos em nós. Mas para que isso não nos leve ao narcisismo -- quer eclesiocêntrico, quer individual--, é preciso levantar a cabeça e, sem que nosso coração se desanime (Jo 14,1.27), abrir perspectivas nesta nova incerteza. Possa este número da *Perspectiva Teológica* fazer jus a seu nome.